



## **Radiodocumentário Profissão Camelô: uma outra realidade<sup>1</sup>**

Bruno Rios EVANGELISTA<sup>2</sup>

Letícia Mendes GOUVEIA<sup>3</sup>

Luciana MINAMI<sup>4</sup>

Mayara Ramos CAMPAGNA<sup>5</sup>

Natalia D. BENITES<sup>6</sup>

Lenize VILLAÇA<sup>7</sup>

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP.

### **RESUMO**

Como é trabalhar nas ruas de uma metrópole, vendendo mercadorias por conta própria? Como as pessoas que trabalham informalmente encaram sua profissão? Quais são seus sonhos e objetivos? Acompanhamos três camelôs ao longo de um dia para responder a essas e outras perguntas no radiodocumentário “Profissão camelô: uma outra realidade”.

**PALAVRAS-CHAVE:** camelô; rádio; radiodocumentário; profissão; comunicação.

---

<sup>1</sup>Trabalho submetido ao XIX Expocom, na categoria B Jornalismo, modalidade processo, como representante da Região Sudeste.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo do MACKENZIE, email: bruno.riosevangelista@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo do MACKENZIE, email: lele\_gouveia@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo do MACKENZIE, email: lam16\_amp@hotmail.

<sup>5</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo do MACKENZIE, email: mayara\_campagna@hotmail.com.

<sup>6</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo do MACKENZIE, email: natbene@hotmail.com.

<sup>7</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo do MACKENZIE, email: lenize@mackenzie.br.



## INTRODUÇÃO

A origem da palavra ‘camelô’ é o árabe khamlat, nome que se dava aos tecidos rústicos comercializados em feiras livres [...]. Foi quando se popularizou, na França, o verbo cameloter, vender quinquilharias, coisas de pouco valor [...]. Com seu poder de convencimento, muitas vezes esses verdadeiros artistas, vitoriosos no ofício, enricam e viram donos de impérios.<sup>8</sup>

Essa definição dos camelôs, apresentada por Márcio Cotrim, explica claramente o cotidiano destes trabalhadores brasileiros, que será apresentado neste *paper*. O radiodocumentário busca esclarecer algumas questões muito debatidas pela imprensa e pelas autoridades a respeito da ilegalidade, da pirataria e do trabalho informal, do dia-a-dia do camelô e suas principais dificuldades.

Com uma linguagem moderna e informativa, o trabalho mostra o dia-a-dia de três personagens principais: Amaro - um aposentado carismático, Gilmara - uma mulher desconfiada e Francisco - um senhor com o qual a vida foi dura. Dilemas, vidas e personalidades diferentes, mas algo em comum: a profissão.

Para complementar as informações e, fazer com que o ouvinte possa compreender melhor a situação destas pessoas, o grupo entrevistou também representantes de Polícia Militar e do Sindicato dos Camelôs de São Paulo. Tudo isso, em 16 minutos e 45 segundos de informação clara e precisa, no radiodocumentário: “Profissão Camelô: uma outra realidade”.

## 2.OBJETIVO

Realizar um radiodocumentário leve e humano, com teor mais cultural do que político sobre o tema camelôs, mostrando uma visão diferente dos trabalhadores informais, uma maneira em que tivessem voz para contar suas realidades. O nosso principal intuito era mostrar ao público uma visão diferente desses trabalhadores, a visão politizada do tema já estava gasta e nosso maior temor era que o programa fosse levado para esse lado. Descobrimos que o melhor jeito de atingirmos nosso objetivo seria mostrar o dia-a-dia de três camelôs, abordar pequenos detalhes da correria cotidiana que não haviam sido usados por outros meios de comunicação.

---

<sup>8</sup> ORIGEM de camelô. *Nossa língua\_Nossa Pátria*, 24 ago. 2007. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/camelo.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2007.



### **3.JUSTIFICATIVA**

Ao definir o tema a ser abordado pelo grupo, muitos pontos foram levantados, mas o principal motivo que levou o projeto a tomar este rumo foi o trabalho informal ser considerado junto ao cotidiano dos camelôs uma profissão, ou seja, mostrar uma outra realidade desta numerosa população de brasileiros que está nas ruas com as chamadas “barraquinhas”.

O projeto tem como objetivo atingir o maior número possível de pessoas não só relacionadas à área envolvida - Comunicação Social -, mas também aos leitores que acompanharam toda a luta diária dos camelôs contra a ilegalidade, as dificuldades da profissão e, a repressão das autoridades que são veiculadas pelos grandes meios de comunicação.

Deseja-se ainda que o programa radiofônico possibilite novos debates e análises sobre a atual situação dos camelôs, condições de trabalho e papel na sociedade.

### **4.MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Um questionário com 41 perguntas abertas foi utilizado para as entrevistas. Como a intenção era fazer dos entrevistados-personagens, que possuíssem características individuais, foram abordados os temas: rotina diária e de trabalho, transporte, família, lazer, relacionamento com outros camelôs e com os clientes, legalização, fiscalização - o rapa -, produtos e mercadorias, renda, sindicato, os motivos que os levaram a ser camelô, camelódromos, entre outros. Procuramos também personagens mais formais, que iriam passar informações valiosas sobre as dificuldades enfrentadas desses trabalhadores informais. A primeira entrevista foi feita de forma espontânea, com algumas perguntas previamente discutidas pelos entrevistadores na pauta pré-elaborada.

As entrevistas foram gravadas na região das Praças da República, Sé e Santa Cecília, centro de São Paulo e as perguntas realizadas tanto com homens, quanto com mulheres para não priorizar nenhum dos sexos. Escolhemos um número de três personagens devido à dinâmica de edição e, dois destes serem homens. Como havia



outra entrevista espontânea, que apesar de não estar dentro do padrão do questionário realizado, trazia muitas informações relevantes e uma visão feminina da situação, esta foi utilizada para balancear os sexos, dando ao documentário tanto a visão feminina quanto a masculina sobre a profissão.

Desta forma, conseguimos saber mais do dia-a-dia dos entrevistados e elaborar um programa humano, por meio da reconstrução da rotina dessas pessoas, buscando um recorte da realidade que refletisse a vida e rotina dos trabalhadores informais.

## **5.DESCRICÃO DO PRODUTO**

### **5.1 A elaboração do radiodocumentário: apuração e entrevistas**

O produto desenvolvido pelo grupo tem no total 16 minutos e 45 segundos, sendo que este se divide em informações geradas pelos locutores, Bruno Rios e Mayara Campagna, e nos depoimentos dos camelôs e entrevistados. Sob a orientação da professora Lenize Villaça, o roteiro do radiodocumentário foi dividido de acordo com o “dia de trabalho” das três personagens principais: Gilmara, Amaro e Francisco. Cada um deles narrava como era sua rotina e conforme as novidades e problemas surgiam, os demais entrevistados e as informações dos locutores eram gravados.

Para fazer um radiodocumentário mais detalhado, precisávamos de uma apuração bem feita. O tema, durante o desenvolvimento do projeto, era pauta dos principais veículos de comunicação. Os camelôs e as autoridades estavam em um impasse: a fiscalização. No período de pesquisa, de 01/08/2007 a 01/09/2007, vários fatos foram publicados. Eles tratavam de diversos assuntos, desde fiscalizações até protestos com repressão aos ambulantes.

Foram documentados notícias dos principais veículos de comunicação, dentre eles: o portal de notícias G1 da Rede Globo e a Folha Online. Em agosto de 2007, os camelôs do Brás, região central de São Paulo, fizeram uma passeata pelas principais ruas do bairro. A manifestação, segundo representantes do Sindicato dos Camelôs Independentes de São Paulo (Sindicisp), era para convocar os ambulantes da área a voltarem ao trabalho. A passeata contou com a participação de cerca de 150 pessoas, segundo o sindicato.



No dia 30 de agosto o confronto continuava, e desta vez a polícia reagiu, como foi descrito pela notícia da Folha Online, publicada no mesmo dia:

Os PMs usaram balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e bombas de efeito moral --que emitem sons, luz e fumaça-- para tentar dispersar os manifestantes. Encurralados, os camelôs jogaram uma caçamba de lixo na rua e atiraram pedras e paus. (FOLHAONLINE, 30/08/2007).

Como o cenário se encontrava, na época, ainda mais polêmico, precisávamos de alguns esclarecimentos quanto aos direitos e deveres dos trabalhadores informais. Para isso, pesquisamos as principais fontes e, encontramos as respostas com as declarações do Tenente Coronel Paulo Adriano Telhada, da Polícia Militar e do vice-presidente do Sindicato dos Camelôs de São Paulo, Neilson Santos, que concedeu entrevista por telefone às repórteres: Letícia e Mayara, gravada no estúdio na qual falou sobre o funcionamento do sindicato e as dificuldades enfrentadas. Santos contou, ainda, que os camelôs legalizados são apoiados pelo sindicato, e que o órgão enfrenta impasses por parte das autoridades em relação ao reconhecimento da profissão, entre outras burocracias, além da própria classe não ter ainda maior interesse na sindicalização. Todos os nossos personagens, por exemplo, não são sindicalizados e questionam a atuação e benefícios que teriam se fossem.

A repórter Letícia encontrou, no centro de São Paulo, um policial e pediu para falar com alguém que pudesse responder pelo Comando das Operações no centro da cidade. Ela foi prontamente atendida pelo Tenente Coronel Paulo Adriano Telhada, comandante do sétimo batalhão de Polícia Militar Metropolitana que faz a área da região central de São Paulo.

A entrevista ocorreu na cabine de uma Base Comunitária Móvel. Mesmo sendo rápida para não atrapalhar as operações policiais, ela foi muito explicativa e suficiente para representar todo o esquema de fiscalização do comércio ilegal.

Em poucas palavras, o tenente resumiu que a fiscalização cabe à Prefeitura de São Paulo e, é apoiada pela Guarda Civil de São Paulo, quem faz diretamente essa fiscalização. Em último caso, entra a Polícia Militar que presta todo apoio à prefeitura e à guarda civil.

Essa entrevista e a solicitude do Tenente Coronel foram de suma importância para nosso programa, visto que a prefeitura e a guarda civil não atenderam aos pedidos de entrevista.



## 5.2 Camelô Amaro

Amaro é enfermeiro aposentado e trabalha como camelô por opção, apenas para complementar a renda, não sendo esta profissão sua principal fonte de sustento. Mesmo já tendo idade mais avançada não tem vontade de parar de trabalhar. Garante que ir para o centro distrai sua cabeça além de mantê-lo na ativa.

Apesar de ser camelô há pouco tempo, cerca de quatro meses, possui opiniões e críticas bem elaboradas sobre a profissão. Sabe que o risco é só do “rapa”, pois ninguém assalta camelôs. Mora com e esposa e tem dois filhos casados.

Simpático, não apresentou receio quanto à entrevista. Podemos considerá-lo dos entrevistados o de maior grau de instrução e também o mais estabilizado financeiramente. Não reclama da aposentadoria e garante que mesmo sem esse dinheiro extra da informalidade não passaria necessidades econômicas.

Assistir programas de televisão, principalmente esporte e novelas, é sua atividade de lazer favorita. Também gosta de forró, sinuca ou um jantar com a esposa. Dentre os camelôs entrevistados, é o único que tem ajudante.

## 5.3 Camelô Gilmara

Gilmara foi a mais resistente à entrevista, fez muitas perguntas e, até duvidou da idéia de um documentário. Depois que relaxou e que lhe foi mostrada a carteirinha de estudante de quem lhe falava, enfim contou o motivo de tanto receio: achava que fôssemos policiais à paisana.

Não é de se estranhar tanto medo, afinal, perder mercadorias é a principal preocupação de quem trabalha como camelô. A equipe de reportagem presenciou durante a entrevista, que outros camelôs que estavam por perto da reportagem, ao ver a presença de um policial militar, saíam correndo e atravessavam uma avenida com trânsito intenso. Gilmara também não escapou da correria e terminou a entrevista em outro local do original, no meio da ilha de uma avenida, segurando as mercadorias.

Uma mãe de família, que além de cuidar das duas filhas e da casa, trabalha fora para ajudar o esposo a sustentar a casa. Assim pode ser descrita Gilmara, camelô há quatro anos e que afirma já ter vendido diversos tipos de produto, pois troca de mercadoria periodicamente, dependendo da época do ano.



Acredita que para ser camelô é preciso ter coragem, pois a profissão é muito arriscada. Contudo foi o meio encontrado para sustentar as filhas e sobreviver. Quanto ao lazer, tenta fazer algo com a família uma ou duas vezes por mês, mas diz que é necessário muito jogo de cintura para conseguir levar a vida assim.

Gilmara já trabalhou como babá em casa de família e também como lojista. Atualmente busca um emprego formal, mas mesmo tendo distribuído vários currículos, ainda não conseguiu ter a carteira assinada.

#### **5.4 Camelô Francisco**

Entre os entrevistados, Francisco é o camelô em exercício há mais tempo, 25 anos. Já foi lojista e, segundo ele, se mantém na informalidade por não ter conseguido outra oportunidade de emprego em outra área. Apresenta condição bem humilde tanto em relação ao grau de escolaridade quanto financeiramente.

Mora com a irmã, o cunhado e duas sobrinhas. Teme levar as mercadorias para casa, com medo de roubos, por isso deixa todo o material na casa de amigos. Afirma que não sobra dinheiro para o lazer, somente assistir televisão e aos domingos faz algum prato diferente em gastronomia com a família mesmo e em casa.

Outros camelôs relataram que Francisco já teve uma boa condição financeira, mas perdeu tudo por causa do álcool. Segundo estas mesmas pessoas, o vício o deixa com poucas condições de trabalhar e, o que ganha, gasta em bebidas. No dia da entrevista, porém, trabalhava normalmente e não demonstrava sinais de bebida, deixando para as declarações, talvez, alguns traços desta triste realidade de carência financeira e vício em drogas.

#### **5.5 A quarta (quase) personagem**

Os repórteres Bruno Rios e Luís Rocha se dirigiram até os arredores da Igreja de Santa Cecília, também no centro de São Paulo, onde conversaram com alguns camelôs que estavam prestes a serem expulsos do local pela prefeitura. Eram mulheres em sua maioria, e que inicialmente não queriam gravar entrevista. Com insistência, aceitaram conversar conosco, mais como um diálogo do que como uma entrevista formal. Falaram um pouco do cotidiano da profissão, das relações vendedor-cliente e sobre as



dificuldades de se trabalhar sem carteira assinada. Dessas conversas, a parte aproveitada no rádiocumentário foi o relato da camelô Marineide, ao contar um dia em que, sem querer, ajudou o “rapa” a confiscar as mercadorias de uma amiga.

## 5.6 A Edição

Com o fim das reportagens, começou outra etapa da construção do radiocumentário que consideramos o auge do nosso trabalho: o processo de edição, realizados por Natalia Benites e Mayara Campagna, juntamente com o técnico de som, Donizete Parucci e com o apoio de Luciana Minami nas transcrições das entrevistas. Decidimos quais partes sonoras entrariam ou não, finalizamos o roteiro no qual as histórias de todos os entrevistados se interligavam. As personagens principais foram dando o tom característico que nosso documentário precisava, o tom original que queríamos desde a concepção do trabalho: mostrar uma realidade pouco conhecida pela sociedade.

Depois de decidirmos a base do roteiro surgiram ainda outras dúvidas: como fazer um rádiocumentário que prendesse o ouvinte e quais BGs usar para transformar os 16 minutos de informação em algo moderno e dinâmico? O processo de seleção da trilha sonora, da busca por músicas que trouxessem informações e que enriquecessem nosso projeto, foi uma das ferramentas utilizadas para responder a estas questões.

Consideramos nossos resultados animadores, o universo do camelô é um tema rico e muitos artistas brasileiros haviam feito *hits* sobre esse tema, uma oportunidade a mais de dar um toque ainda mais brasileiro e pessoal ao: “Profissão Camelô: uma outra realidade”.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do programa “Profissão Camelô: uma outra realidade” foi, certamente, um trabalho gratificante. Por meio dele, entrevistamos pessoas que nos deram a oportunidade de adentrar um pouco em suas vidas e mostrá-las em um rádiocumentário. Amaro, Gilmar e Fracisco representam o que poderiam nos contar milhares de outros brasileiros que vivem do trabalho informal. Um cotidiano árduo, mas repleto de histórias divertidas. Pessoas que, muitas vezes, gostariam de abandonar a informalidade, contudo, não encontram portas abertas no mercado formal de trabalho. Ouvir o que têm a dizer, seus anseios, desejos, preocupações, enfim, tentar entender um



pouco de como vivem essas pessoas que, normalmente, aparecem no noticiário sob o estigma da ilegalidade.

A participação ativa da professora Lenize Villaça foi de extrema importância para o desenvolvimento do radiodocumentário. No início do trabalho, ainda na escolha dos temas, a professora nos orientou a respeito da ênfase e do foco a ser dado aos personagens e, de que forma dividiríamos o roteiro. Assim optamos por narrar a história dos três personagens escolhidos. O nosso roteiro foi revisado e modificado semanalmente pela orientadora que também esteve presente em todo o processo de edição, locução, escolha da trilha sonora, até chegarmos à versão final que pode ser conferida em áudio.

Os personagens foram escolhidos, ou nos escolheram? Afinal, encontrar pessoas que desejem falar de como é viver na ilegalidade não é algo tão simples e foi o que aconteceu.

Por fim, agradecemos Marineide, Amaro, Gilmara e Francisco pelos depoimentos ao nosso radiodocumentário. Também ao técnico de som Donizete Parucci, à Professora Lenize Villaça e, aos colegas Luís Rocha e Karla Molino que contribuíram para que conseguíssemos atingir nosso objetivo.

## **APÊNDICE**

### **Perguntas de rádio para camelôs**

- 1-Que horas você acorda?
- 2- O que faz antes de sair de casa?
- 3- Quanto tempo você gasta para chegar ao seu local de trabalho?
- 4- Quantas conduções são necessárias até o lugar de trabalho?
- 5- Como faz para levar as mercadorias até lá?
- 6- Qual o tempo que demora em montar/ abrir a barrquinha?
- 7- Tem ajudante? Quantos? Quem? Algum grau de parentesco?
- 8- Como é o movimento pela manhã?
- 9- Qual seu horário de almoço?
- 10- O que costuma comer? Onde?
- 11- Quem cuida do negócio enquanto está fora?
- 12- Como faz com as alterações de clima?



13- E a tarde como é a saída de produtos?

14- E para voltar para casa? A que horas volta? A que horas chega?

15- Como é o convívio com a família quando volta?

16- Casado? Solteiro? Filhos? Quantos?

17- Que horas dorme?

18- Trabalha quantos dias por semana?

19- E o lazer/passear/sair? Tem tempo?

20-Como é o relacionamento com os outros camelôs? Já ouviu algum "barraco?" Quando ele vende o mesmo que você em sua barraquinha, como você atrai o cliente? Existem relações de amizade?

21- Você é legalizado junto à prefeitura?

**Sim.**

Quais são os procedimentos para legalizar-se junto à prefeitura?

Horário de trabalho.

Regras

**Não.**

Isso gera alguma insegurança?

Por que não se legalizar? Não compensa?

22- Como faz com a fiscalização? Alguma vez te propuseram suborno/propina?

23- O Rapa; A polícia já tomou tua mercadoria? (reescrever/reformular, se possível)

24- Como é arrumar as mercadorias e correr? Onde se esconder? Como levar tanta coisa nas mãos? Vocês treinam para isso? Já foi agredido por algum policial? Como foi isso?

25- Participa do sindicato?

**Sim.**

O que acha que ele faz por você, é bom? Opinião.

Quanto paga de taxa?

Quem não é legalizado por participar do sindicato?

**Não.**

Por quê? Acha que não compensa? Taxa? Comentar.

Preferiria ser camelô com registro?

26- Conte algum fato engraçado (curiosidade)

27- No que você trabalhava antes de ser camelô?

28- Você é camelô por opção? Teria outro emprego se pudesse?

29- Há quanto tempo está neste ponto? Já mudou de lugar? Por quê?



- 30- Que produto "sai" mais?
- 31- Quanto vende em média em 1 dia?
- 32- Como você faz para persuadir o cliente?
- 33- Já levou alguma cantada?
- 34- Qual o perfil do cliente? Muita gente rica compra, elas se sentem constrangidas, ou assumem?
- 35- Quais são os melhores pontos?
- 36- Quanto ganha por mês? E sobra mês no fim do dinheiro ou dinheiro no fim do mês?
- 37- Onde guarda o dinheiro que ganha? E a questão de assaltos? Já ocorreu? Como faz para segurança?
- 38- Quantas vezes por mês você compra mercadoria? Pode falar onde compra? É no Paraguai? Ou aqui em São Paulo mesmo? Tem algo que você vende que você mesmo faz?
- 39- E nas datas comemorativas, o movimento aumenta? Qual é a data que você mais vende?
- 40- Qual é a época mais difícil de vender? Nas férias o movimento cai muito?
- 41- O que tem a dizer sobre os camelódromos?

## **ANEXOS**

### **Notícias**

30/05/2007 - 03h40 - Atualizado em 30/05/2007 - 05h02

#### **Camelôs acampam no Brás (SP)**

*Grupo pretende realizar passeata pelas ruas do bairro nesta quarta-feira. Eles protestam contra a retirada de vendedores ambulantes da região.*

#### **DO G1, EM SÃO PAULO**

Cerca de 50 camelôs estão acampados desde o início da madrugada desta quarta-feira (30) no Largo da Concórdia, no Brás, região central de São Paulo. Eles se acomodaram em uma grande barraca montada na ilha de um semáforo e pretendem realizar uma marcha pelas ruas do bairro, para protestar contra a falta de um local para trabalhar.



A passeata, segundo o vendedor ambulante Afonso José da Silva, integrante do Sindicato dos Camelôs Independentes de São Paulo, deve começar por volta das 8h.

### **Protesto**

O grupo vai protestar contra o subprefeito da Mooca, Eduardo Odloak, que fiscaliza a região e promete retirar cerca de 80% dos camelôs das ruas e avenidas do bairro. Os vendedores ilegais esperam a adesão de 200 pessoas no início da manhã. Embora a Polícia Militar (PM) esteja de prontidão, com pelo menos duas equipes no local, não há confronto desde que a aglomeração teve início. A ação da prefeitura faz parte de um processo de reurbanização do bairro e que pretende organizar o comércio ambulante em várias regiões da cidade.

**30/08/2007 - 05h42**

### **Camelôs entram em confronto com a polícia durante protesto em SP**

**MARTHA ALVES**

da **Agência Folha**

O clima é tenso desde as 4h desta quinta-feira na rua Oriente com Barão de Ladário, no bairro do Brás (região central de São Paulo). Camelôs irregulares, que não têm o TPU (Termo de Permissão de Uso) da prefeitura para trabalhar, estão concentrados na região em protesto desde o início da madrugada. Eles chegaram a montar apenas os cavaletes das barracas e estender algumas lonas.

Os manifestantes fizeram barricadas de lixo e madeira incendiados na rua Oriente e chegaram a incendiar uma loja, jogaram uma caçamba de lixo no meio da rua e atiraram pedras e paus nos policiais a medida em que eram encurralados. Os policiais tentam controlar a situação com bombas de gás pimenta e balas de borracha.

Segundo a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego), pelo menos 300 camelôs estão envolvidos no protesto.

**30/08/2007 - 11h59**

### **Quebra-quebra em protesto de camelôs atinge seis lojas no Brás**



## **GABRIELA MANZINI**

### **da Folha Online**

O confronto envolvendo a Polícia Militar e camelôs irregulares que ocorreu na madrugada desta quinta-feira no Brás, famoso centro de comércio popular de São Paulo, deixou seis lojas danificadas, de acordo com a associação de lojistas do bairro. Um dos imóveis teve a porta de ferro amassada e o interior incendiado. Manequins e roupas ficaram destruídos.

Em outra loja, as portas de ferro também foram amassadas. Na manhã desta quarta, o dono observava o trabalho da empresa que fará a troca. "Por enquanto, o prejuízo é de R\$ 3.000. Mas, com o serviço de troca da porta, vou ficar fechado durante boa parte do dia", afirmou o comerciante Ibrahim Siyoufi, 47.

O confronto ocorreu entre a madrugada e o começo da manhã. Os camelôs montavam as barracas para realizar a chamada feira da madrugada quando a PM e a GCM (Guarda Civil Metropolitana) iniciaram uma operação para impedir os trabalhos. Os camelôs reagiram, bloqueando a rua Oriente com entulho em chamas.

Os PMs usaram balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e bombas de efeito moral --que emitem sons, luz e fumaça-- para tentar dispersar os manifestantes. Encurralados, os camelôs jogaram uma caçamba de lixo na rua e atiraram pedras e paus. Durante o protesto, sete pessoas foram detidas e encaminhadas a delegacias da região, conforme a PM.

O bloqueio da rua Oriente começou às 3h e terminou às 6h30, segundo a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego). O Corpo de Bombeiros não socorreu feridos.

### **Repressão**

Há meses, a PM, a GCM e a subprefeitura da Mooca integram uma força-tarefa para acabar com a feira que acontece de segunda a sábado, das 3h às 7h. Dela participam cerca de 2.600 camelôs sem TPUs (Termos de Permissão de Uso), dos quais muitos foram retirados em março passado do largo da Concórdia (centro).



Semanas atrás, a prefeitura anunciou a suspensão da emissão de novos TPUs durante um ano. Em portaria publicada no "Diário Oficial" municipal, a administração municipal afirmou que a medida era necessária devido à "necessidade urgente de solucionar os problemas decorrentes do aumento do comércio informal na cidade".

## **Segurança**

Em nota, a ALOBRÁS (Associação de Lojistas do Brás) ressaltou que a segurança dos clientes que desejarem ir ao Brás fazer compras nesta quinta-feira está garantida. O policiamento na região permanece reforçado, Cerca de 80 PMs atuam no local.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARBEIRO, Heródoto & LIMA, Paulo R. de. **Manual de Radiojornalismo: produção, ética e internet**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

PARADA, Marcelo. **Rádio: 24 Horas de Jornalismo**. São Paulo: Panda, 2000.

PRADO, Magaly. **Produção de rádio: um manual prático**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

VILLAÇA, Lenize. **O exercício do radiojornalismo nas emissoras paulistas: uma releitura de gênero**. In: *Gênero, Mídia e Sociedade*. SCHAUN, A.; RIZZO, E.; PASCAL, Maria A. M.; SCHWARTZ, Rosana M. P. B. (orgs.). São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2007. p.23-32.

\_\_\_\_\_. **Rádio Também tem Repórter Investigativo**. In: *Jornalismo Investigativo*. LOPES, Dirceu F. & PROENÇA, José Luiz. São Paulo: Publisher, 2003. p.179-91.

## **CD**

BROWN Jr., Charlie. **Confisco**. Direção de Produção: Rick Bonadio, Paulo Anhaia e Lamp. São Paulo: Virgin Records. 1999. (Preço Curto... Prazo Longo).

MONOBLOCO, Monobloco. **Rap do Real**. Letra: Pedro Luis & Rodrigo Maranhão. 2006. - (Monobloco: Ao vivo).

JORGE, Seu. **Cotidiano**. Letra: Chico Buarque.



O'JAYS, The. **For the love of Money**. Letra: O'Jays. Nova York: Eic/Legacy. 2005 (The Essencial O' Jays).

O PENSADOR, Gabriel. **Dança do Desempregado**. Letra: Grabiél,o Pensador. São Paulo - 1997. (Quebra-cabeça).

RAPPA, O. **Óia o rapa**. Letra: Lenine e Sérgio Natureza. Direção de Produção: Liminha. São Paulo: Waner Music.1996 (Rappa Mundi).